

BRANCA DE NEVE: UMA RETOMADA À ANÁLISE DE BETTLHEIM E CORSO E CORSO

SNOW WHITE: A REVIEW OF THE ANALYSIS OF BETTLHEIM AND CORSO AND CORSO

¹SANTOS, Livia Isabel dos; ²SILVA, Rita Ferreira da

^{1e2}Departamento de Psicologia – Centro Universitário das Faculdades Integradas de
Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

O Presente trabalho apresenta uma retomada à análise psicanalítica do conto da Branca de Neve, apoiada nas obras *A Psicanálise dos contos de fadas* de Bettlheim (1903-1990/2024) e *Fadas no divã* de Corso e Corso (2006). Nesse breve artigo, evidenciam-se os conteúdos simbólicos presentes na narrativa, com o objetivo de refletir sobre a relevância dos contos de fadas como representações de vivências que retratam as fases do desenvolvimento psíquico humano. Para a realização desta pesquisa, utilizou-se o método de revisão de narrativa, que possibilita a análise crítica da literatura já publicada, conforme Botelho et al (2001) e Rother (2007). As análises dos pesquisadores indicam que a narrativa da Branca de Neve representa a transição entre as fases do desenvolvimento psicosssexual, destacando conflitos edípicos. Conclui-se que os contos de fadas constituem em um recurso para a compreensão de experiências humanas pela psicanálise.

Palavras-chaves: Branca de Neve; psicologia; psicanálise; contos de fadas.

ABSTRACT

This paper presents a return to the psychoanalytic analysis of the Snow White tale, supported by the works *The Psychoanalysis of Fairy Tales* by Bettlheim (1903-1990/2024) and *Fairies on the Divan* by Corso and Corso (2006). This brief article highlights the symbolic content present in the narrative, aiming to reflect on the relevance of fairy tales as representations of experiences that portray the phases of human psychic development. This research used the narrative review method, which allows for the critical analysis of previously published literature, as per Botelho et al. (2001) and Rother (2007). The researchers' analyses indicate that the Snow White narrative represents the transition between the phases of psychosexual development, highlighting Oedipal conflicts. It is concluded that fairy tales constitute a resource for understanding human experiences through psychoanalysis.

Keywords: Branca de Neve; psychology; psychoanalysis; fairy tales.

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos nossa retomada as obras de Bettlheim (1903-1990/2024) e *Fadas no divã* de Corso e Corso (2006) voltamos ao pai da psicanálise. Freud (1914) ao considerar olhar para a psicanálise para além da clínica, analisou a obra o *Moisés de Michelangelo*, pois possuía interesse pela arte e pela interpretação, assim, evidenciou a possibilidade de compreendermos mais sobre os conteúdos pertencentes ao campo inconsciente e à subjetividade humana, as quais não emergem ao acaso, mas, por um pacto psíquico, manifestando-se nas expressões dos poetas, autores e artistas em suas obras.

Ao discutir os fenômenos sociais e culturais, o autor Mezan (2002) em *Interfaces da Psicanálise*, utiliza o termo "psicanálise aplicada" para ressaltar que

fenômenos de produções humanas, como contos, mitos e arte também podem ser objeto de estudo psicanalítico. Essa designação é utilizada para se referir a produções humanas que não originam necessariamente na clínica ou em contextos tradicionais associados à psicanálise. Nesse sentido, adentramos na análise psicanalítica do conto da Branca de Neve apoiadas nas obras de Bettelheim (1903-1990/2024) e Corso e Corso (2006), com o intuito de evidenciar como os contos de fadas retratam e representam vivências que são inerentes ao desenvolvimento psíquico humano.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, utilizamos o método de revisão da narrativa, pelo viés psicanalítico do tema em questão. De acordo com Botelho et al (2011), essa metodologia possui como aliecerce a aplicação de métodos específicos, que buscam investigar um tema em acervos literários, assim como se utiliza de estratégias e metodologias utilizadas por acadêmicos e pesquisadores, especialmente nas áreas da saúde e educação, com o objetivo de descrever sobre determinado assunto. Segundo o mesmo autor, esse modo de pesquisa não fornece uma metodologia, fontes de informações ou critérios para avaliação e seleção dos trabalhos.

Segundo Rother (2007), a revisão de narrativa são publicações de cunho amplo, de modo a discorrer sobre um determinado tema, ou, o que a mesma se refere em seu artigo *Revisão sistemática x revisão narrativa*, como “estado da arte”, no ponto de vista teórico. A autora menciona que esse tipo de método constitui-se basicamente pela análise da literatura já publicada em livros, artigos ou revista, contendo uma interpretação crítica e pessoal do autor. No entanto, nesta atual pesquisa, buscamos uma retomada à análise do conto de Branca de Neve, pelos autores Bettelheim (1903-1990/2024) e Corso e Corso (2006), nos propondo-nos a mencionar suas considerações de modo que pudessem dialogar entre si e evidenciar a relevância da análise para a psicanálise.

DESENVOLVIMENTO

O conto Branca da Neve apresenta diversificadas versões ao longo da história. Desse modo, ao que evidenciamos em nossas pesquisas, tais versões, ainda que variadas, mantêm elementos específicos que contribuíram para torná-lo

uma das narrativas mais conhecida em todo o mundo. Neste momento, nos cabe ressaltar que a versão mais conhecida no Ocidente é a transcrita pelos Irmãos Grimm, a qual foi utilizada pelos autores Bettlheim (1903-1990/2024) Corso e Corso (2006) em suas obras.

Ao iniciar a análise psicanalítica sobre o conto da Branca de Neve, Bettlheim (2002), em sua obra *A Psicanálise dos Contos de fadas*, destaca que esta narrativa evidencia em seu enredo, vivências experienciadas pela heroína referentes a conflitos edípicos, natural das fases do desenvolvimento psicosssexual infantil. O complexo do Édipo é a triangulação sustentada por Freud (1901-1905) na obra *Os Três ensaios da sexualidade*, ao que se apoiou ao mito do 'Édipo Rei', que representa a fase da infância onde há uma desordem na criança perante a relação dos pais. Ao se utilizar de um mito para representar o complexo edípico, o pai da psicanálise contribui ao evidenciar que os mitos, assim como contos e outras narrativas no geral são representações de vivências e experiências humanas, ou seja, esse complexo como parte do desenvolvimento psicosssexual da criança é a fase que todo ser humano tem que lidar.

Desse modo, observa-se que a madrasta de Branca de Neve manifesta um sentimento de ciúmes da linda jovem, o que a leva a procurar formas de a afastá-la. A presença da figura feminina da jovem princesa desperta uma rivalidade vinculada ao marido da madrasta e pai de Branca de Neve. A dinâmica entre as duas ilustra dificuldades que podem ocorrer entre mãe e filha, remetendo aos possíveis conflitos inerentes a triangulação da fase edipiana.

Na obra *Fadas no divã*, os autores Corso e Corso (2006), evidenciam que os conflitos como a rivalidade entre mãe e filha, bem como em outras relações fraternais entre figuras do feminino, que surgem neste conto de modo evidente. Ainda que nem sempre se apresente no concreto, manifestam-se nas fantasias que as histórias buscam representar. Os autores seguem a o percurso de Bettelheim (2002), o qual ressalta que os contos de fadas se iniciam por meio de um conflito que se estabelece na vida da criança, em nosso caso, na de Branca de Neve. Esse dilema se dá em decorrência de dificuldades nas relações com os pais, gerando um contexto desafiador.

Ambos autores, Bettelheim (1903-1990/2024), assim como Corso e Corso (2006), compreendem a presença de conteúdos edípicos no conto da Branca de Neve. Segundo esses autores, a mãe de Branca de Neve teria a desejado com algumas características físicas específicas: seu tom de pele branco como a neve,

seus cabelos negros como ébano e corada como sangue. Desse forma, logo que seu desejo se concretizou, a mãe faleceu logo após o nascimento, assim como todas as mães “boas” dos contos, para que se preservem na bondade e livre de sentimentos hostis em relação aos filhos. Dessa forma, a mãe ausente cede espaço para que a mãe “má” possa ocupar um papel central na narrativa.

Os pesquisadora Corso & e Corso (2006) ao mencionarem que o conto em questão é voltado a conflitos maternos e, especialmente edípicos, trazem que quando Branca de Neve alcança a fase da adolescência — fase esta em que a menina começa a se tornar mulher e deixa de ocupar o lugar de admiração dos pais —, Branca de Neve passa a ser vista como como objeto de desejo de um outro, representado na narrativa como o príncipe. Dessa forma, o pai é substituído, e a mãe assume o lugar de madrasta, que rivaliza com a filha movida por uma inveja de sua juventude e beleza. Neste momento, que a narrativa tem início.

A partir desse ponto, percebe-se que Branca de Neve atinge a uma fase do desenvolvimento em que sua beleza supera a da rainha, sendo reconhecida inclusive pelo espelho, que a retrata dessa forma. Segundo Freud (1900), em sua mais importante obra *A interpretação dos sonhos*, utiliza-se do período do desenvolvimento psicosssexual, denominado por ele em referência ao mito grego do rei Édipo. A partir desse mito, Freud desenvolveu o “Complexo de Édipo”, que designa o período da infância marcado por conflitos da criança mediante a relação dos pais. Em os *Três ensaio da sexualidade*, Freud (1901-1905) afirma que os impulsos infantis, se intensificam pela pressão somática, reaparecendo com uma frequência regular e evidente, o desejo sexual da criança em relação aos pais, já direcionado pela atração pelo sexo oposto: o do filho pela mãe e o da filha pelo pai. O mito, assim como os contos e as narrativas populares em geral são representações das vivências humanas, ou seja, o “Complexo de Édipo” é uma fase do desenvolvimento psicosssexual que todos precisam atravessar.

Na narrativa dos irmãos Grimm (2019) pode se observar que o caçador/servo, decide poupar a vida de Branca de Neve, de modo a desobedecer às ordens da rainha. Na análise de Bettelheim (1903-1990/2024), a figura do caçador assume o papel de um pai substituto: que poderia atender ao desejo da rainha, mas escolhe traí-la para garantir a sobrevivência da jovem. Essa decisão remete simbolicamente ao desejo edípico da menina, que espera que, mesmo diante da das ordens de sua mãe, o pai opte por estar ao seu lado. Contudo, embora não a mate, o caçador a abandona na floresta, para ser devorada pelos animais. Assim, não cumpre nem o

papel moral de proteção, nem mesmo corresponde a ordem que lhe foi imposta pela rainha.

Ao refletirem sobre a função do espelho no conto da Branca de Neve, Corso & Corso (2006) o descrevem como uma representação simbólica que assume o papel de amante e confidente da rainha e madrasta, de modo a ser aquele em que ela recorre em busca da confirmação de sua beleza. No entanto, o espelho reconhece a beleza de Branca de Neve. Nesse momento, o pai, também enquanto homem, percebe que sua filha, antes vista como uma menina, se tornou uma mulher com atributos adultos, estabelecendo assim, o início do distanciamento entre pai e filha.

Quando a madrasta deixa de ocupar o lugar exclusivo de a mais bela, ela é tomada pela fúria e pela inveja em relação a Branca de Neve. Abalada por esse sentimento, ordena ao caçador que faça o necessário para que retorne a sua posição exclusiva. Corso & Corso (2006) interpretam o pai como alguém que se submete a rainha ocupando uma posição de passividade, aprisionado à uma imagem do espelho preso à parede. Por outro lado, o caçador assume um papel distinto: engana a rainha ao perceber a fragilidade da jovem princesa, optando por poupá-la e tornando-se cúmplice, permitindo que ela fuja.

Segundo Corso & Corso (2006), essa narrativa evidencia que o pai é fraco, enquanto a mãe, embora seja poderosa, pode ser enganada, já que não exerce um domínio absoluto sobre o homem. Ainda assim, o pai não é capaz de proteger por completo a filha, tornando-se indigno de seu amor e afeto. Mesmo ao livrá-la da mãe má, acaba a deixando sozinha na floresta, revelando que seu amor paterno se torna impotente diante ao mundo externo.

Ao chegar à casa dos anões, Branca de Neve encanta-os com sua beleza, a ponto de cederem, revezadamente, a cama para que ela possa descansar. Bettelheim (1903-1990/2024) interpreta esse episódio de amadurecimento, pois ela tolera dormir em uma cama que não corresponde à sua estatura, demonstra capacidade de controlar seus impulsos do *Id* e considerar as exigências do *Supereu*. Nesse processo, o trabalho e a convivência com os anões simbolizam sua entrada no mundo adulto. O autor também observa que os anões possuem diferentes significados em vários contos, mas, no em questão, o autor faz uma crítica, de modo a pensar na presença deles como uma imaturidade e uma pré-individualidade que Branca de Neve precisa superar. Para ele, os anões são como pequenos “homenzinhos” voltados a interesses materiais, sem qualquer inclinação

amorosa, por esse motivo na animação do Walt Disney, cada anão recebe um nome que remete a características individuais, enquanto nos contos tradicionais eles permanecem todos iguais. Bettelheim (1903-1990/2024) pontua que tais modificações prejudicam e interferem na captação inconsciente do significado do conto, ainda que aparentemente aumentem o interesse popular pela narrativa.

Os autores Corso & Corso (2006), por outro lado, contrapõem-se a essa leitura, de modo a considerar que a casa dos anões representa um local transitório que favorece o crescimento da heroína, além de ser um espaço onde ela não precisa se preocupar com sua beleza, justamente o aspecto que a tornará alvo da inveja materna. Para os pesquisadores, os anões representam uma “turma”, semelhante ao espaço que os adolescentes encontram nesse período, que oferecem um apoio diante de conflitos familiares e apoiam as primeiras vivências amorosas e sexuais. Desprovidos de desejos sexuais, os anões auxiliam Branca de Neve nessa transição de sair de olhar de desejo paterno para o olhar do outro – o príncipe.

Retomando Bettelheim (1903-1990/2024), no decorrer da narrativa Branca de Neve cede as tentações da madrasta, mesmo que alertada pelos anões, demonstrando como as armadilhas da rainha se aproximam de desejos da heroína. Na versão dos Irmãos Grimm, as duas primeiras tentativas de mata-lá, fracassam graças ao retorno dos anões das minas, representando o período em que há barreiras psíquicas nos impulsos sexuais e são direcionadas a outros fins. Contudo, na terceira tentativa, a princesa cede por completo à tentação, o que representa um retorno imaturo quando se encontra desafios na adolescência. Diante disso, a maçã, representa simbolicamente a tentação em que a jovem princesa cai, segundo Bettelheim (1903-1990/2024) ao amor e à sexualidade, como em muitos outros contos e mitos, assim como na bíblia, em que o homem renuncia sua inocência para obter conhecimento e sexualidade. Na obra *Fadas no divã*, os pesquisadores analisam o alimento como representação da relação mãe e filha, remetendo, inclusive ao contexto clínico, onde se encontram por meio da associação livre, queixas de distúrbios alimentares, marcadas pelo medo de ser envenenada pela mãe. Em *A Psicanálise dos contos de fadas*, o autor nos diz que a madrasrea divide a maçã com a Branca de Neve, levando-a a confiar. O gesto representa o que ambas compartilham naquele momento: desejos sexuais da vida adulta. Quando a princesa morde a parte envenenada, “O comer a parte vermelha (erótica) da maçã assinala o fim da “inocência” de Branca de Neve” (Bettelheim, 1903-1990/2024, p.295-296). A cor vermelha da maçã evoca, uma questão que faz jus ao início do desenvolvimento

sexual da mulher, assim como as 3 gotas de sangue, que no início do conto, faz com que a mãe “boa” a desejasse com bochechas vermelhas, como de sangue. Este simbolismo é apresentado pelo autor, de modo, a afirmar que “O vermelho da maçã evoca associações sexuais, como as três gotas de sangue que precederam o nascimento de Branca de Neve, e também a menstruação, um acontecimento que marca o começo da maturidade sexual” (Bettelheim, 1903-1990/2024, p.226). Desse modo, o autor sinaliza que quando Branca de Neve cede a tentação da rainha e come a maçã, ela está se entregando à fase adulta.

Após a heroína ceder ao envenenamento e adormecer, Branca de Neve permanece em um caixão de vidro, onde é visitada pelos anões e animais. Esse período representa uma preparação para o encontro com o parceiro. Quando esse momento chega, ao encontrar a princesa morta, o príncipe pede a permissão aos anões para levá-la para seu castelo, prometendo continuar a zelar pelo seu corpo. No entanto, durante o trajeto do caixão de vidro para o castelo de seu amado, um acidente expulsa o pedaço da maçã de sua garganta, representando a superação das fixações imaturas. Por fim, a madrasta é condenada a dançar até a morte com sapatos de ferro em brasa. Toda sua inveja e ciúmes sexual pelo qual não tinha controle, ao final a destrói, contribuindo para um desfecho feliz da heroína.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises propostas por Bettelheim (1903-1990/2024) e por Corso & Corso (2006), observa-se que a narrativa de Branca de Neve pode ser compreendida como uma representação das fases do desenvolvimento psicosssexual descritas por Freud (1901–1905/2016), na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. O conto retrata simbolicamente a passagem da infância para a adolescência, evidenciando os conflitos edípicos que a heroína enfrenta ao lidar com a dinâmica familiar, principalmente o que diz respeito a sua relação com a madrasta, no qual a rivalidade entre mãe e filha se intensifica diante da conquista da feminilidade e do despertar do desejo.

Os elementos da narrativa, como o espelho, o caçador, os anões, a maçã e o príncipe, remetem com uma considerável importância, o percurso da história e a passagem da heroína pelas fases do desenvolvimento psíquico. Enquanto Bettelheim (1903-1990/2024), enfatiza as tentações, regressões e os símbolos ligados a sexualidade à uma perda da inocência, Corso & Corso (2006) mencionam

o espaço de transição e a “turma” de anões como um momento de proteção e vivências voltadas a independência no período da adolescência.

Conclui-se por meio desse artigo que os contos de fadas, são representações que retratam fases do desenvolvimento psicosssexual humano. Desse modo essa pesquisa permite a reflexão da importância das narrativas para todo e qualquer sujeito.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de A. Caetano. 45. ed. Paz e Terra, 2024. p. 12-13.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de A. Caetano. 16. ed. Paz e Terra, 2002.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. A.; MACEDO, M. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>. Acesso em: 8 set. 2025.

CORSO, D.; CORSO, M. **A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSO, M.; CORSO, I. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de J. Salomão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Original publicado em 1900.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Original publicado entre 1901-1905.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Contos de fadas dos Irmãos Grimm**. Tradução de T. Uba. São Paulo: Martin Claret, 2019.

MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.